

DAS REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIAS ÀS FAVELAS COMO LUGAR DE POTENCIALIDADE NA PEDAGOGIA SOCIAL

Lucas Salgueiro Lopes¹; Arthur Vianna Ferreira².

¹ Doutorando em Educação pelo PPGEdu (FFP/UERJ), São Gonçalo-RJ – Brasil,
salgueirollucas@gmail.com

² Professor efetivo do PPGEdu (FFP/UERJ), Rio de Janeiro-RJ – Brasil,
arthuruerjffp@gmail.com

Resumo: O trabalho articula resultados de uma pesquisa de mestrado (2023) e de um doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. A primeira investigou as representações sociais de violências de educadores atuantes no Complexo do Salgueiro (São Gonçalo-RJ), identificando um núcleo figurativo centrado na ideia de “desvio” e quatro temáticas principais: violência como patologia, ausência de poderes, vulnerabilização e criminalidade. A atual pesquisa busca sistematizar um modelo denominado Pedagogia Social Favelada, fundamentado nas dinâmicas sociopedagógicas de favelas, reconhecendo-as como territórios produtores de saberes e práticas educativas legítimas. Com base nos referenciais da Psicologia Social e da Pedagogia Social, pretende-se compreender e potencializar práticas emancipatórias originadas nesses contextos, contribuindo para uma educação crítica e transformadora voltada à valorização de sujeitos historicamente marginalizados.

Palavras-chave: Pedagogia Social; favelas; violências; Representações Sociais.

Introdução

Este trabalho resulta da articulação entre duas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEDU/UERJ). A primeira, concluída no mestrado acadêmico (2023), analisou as representações sociais de violências de educadores atuantes no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo-RJ, dialogando com práticas de Educação Social desenvolvidas na localidade. Essa investigação revelou percepções da violência como “desvio” de uma suposta normalidade, com desdobramentos em quatro temáticas centrais: patologia, ausência de poderes, vulnerabilização e criminalidade.

A partir desses achados, a pesquisa de doutorado – em andamento e com conclusão prevista para 2028 – busca compreender e sistematizar práticas sociopedagógicas emancipatórias oriundas de favelas e periferias de São Gonçalo, propondo o modelo da

Pedagogia Social Favelada. Essa proposta parte do reconhecimento das favelas como territórios produtores de saberes e práticas legítimas, construídas coletivamente, e fundamenta-se na abordagem societal das representações sociais e na Pedagogia Social, visando contribuir para uma educação crítica e transformadora.

Referencial teórico-metodológico

Para uma melhor compreensão dos temas abordados, alguns referenciais teóricos e metodológicos mostraram-se fundamentais ao oferecerem os conceitos adequados para a realização deste estudo. A primeira delimitação necessária diz respeito ao próprio campo em que se insere as pesquisas: a Pedagogia Social (PS). No contexto brasileiro, opta-se aqui por compreendê-la segundo a perspectiva de Caliman (2011), onde o autor entende a PS como um campo teórico voltado à prática do educador social, sendo concebida como pertencente ao conjunto das Ciências da Educação, que “se ocupa particularmente da educação social de indivíduos historicamente situados. Uma educação que ocorre de modo particular lá onde as agências formais de educação não conseguem chegar” (Caliman, 2011, p. 486).

Outro referencial teórico de destaque diz respeito à abordagem das representações sociais. Introduzido por Serge Moscovici (2015) no início da década de 1960, o conceito rompe com os paradigmas dominantes da Psicologia Social de sua época, inscrevendo-se numa linha sociopsicológica. Com a ampliação dos estudos sobre representações sociais nas décadas seguintes, a teoria assumiu novos contornos, entre os quais se destaca a abordagem societal desenvolvida por Willem Doise (2002), considerada a mais adequada para os objetivos dessas pesquisas. Essa abordagem foca nas condições sociais em que as representações são produzidas e nos espaços sociais por onde elas circulam. Como ressalta Angela Almeida (2009), em Doise (2001) é possível identificar um enfoque em que a posição e a inserção social dos sujeitos e dos grupos tornam-se elementos centrais na constituição das representações que produzem.

Mais especificamente, na pesquisa acerca das representações sociais de violências (Lopes, 2023), utilizamos para uma tipologia desse fenômeno, inicialmente, o modelo teórico proposto por Galtung (2016), que distingue três formas de violência: direta, estrutural e cultural. Além dessas, uma quarta modalidade, mais associada ao contexto contemporâneo, também foi considerada: a violência da positividade, de Byung-Chul Han (2017), que se manifesta como característica de uma sociedade do cansaço, marcada pela exigência contínua

de superdesempenho, comprometendo tanto as relações sociais quanto a saúde psíquica dos indivíduos.

Já na pesquisa atual, ainda em andamento, ao invés das referências teóricas acerca das violências, temos como enfoque uma perspectiva que traz as favelas como fenômeno social e urbano surgido historicamente, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, na virada entre os séculos XIX e XX. Da mesma maneira, a investigação considera a favela como o local de onde a pesquisa parte, não como mero objeto. Isso se dá entendendo a “força” assinalada no que Silva, Barbosa e Simão (2020) chamam de “paradigma da potência” em relação às favelas, que podem ser entendidos, basicamente, como uma valorização das “dimensões de invenção, criação, formas coletivas de resolver problemas e uma relação com o espaço público” (p. 14). Além desses, são referências para nós, também nesse sentido, Mariana Alves Gonçalves (2019) e Andreino Campos (2012), especialmente.

Por fim, para a realização das análises e investigações mencionadas, são utilizados como instrumentos metodológicos (em ambos os trabalhos) as entrevistas semiestruturadas e a produção de diários de campo – estes últimos inspirados na observação fenomenológica de base transcendental, conforme proposta por Edmund Husserl (2020). Para a análise do material empírico, buscando-se apreender as representações sociais de violências, será utilizada a análise retórico-filosófica do discurso, com base na retórica aristotélica (Aristóteles, 2015) e nas contribuições de Olivier Reboul (2004) e Tarso Mazzotti (2003).

Resultados a partir das representações sociais de violências e o potencial social e educativo das favelas

As representações sociais de violências partilhadas pelos educadores da instituição investigada na primeira pesquisa possuíam um núcleo figurativo que pode ser denominado a partir da metáfora “*uma curva numa reta*”, que significa principalmente a noção de que as violências funcionam como um “*desvio*” de uma normalidade. A metáfora que utilizamos para designar esse nosso núcleo é parte de uma declaração de um dos diretores e fundadores da instituição em sua entrevista concedida. Veja o trecho no qual o diretor explica o porquê de as violências serem vistas como desvio para ele:

Trecho de entrevista com “Diretor A”. Local: Projeto Impacto – Complexo do Salgueiro. Data: 05/06/2021 às 11h.

Lucas: A gente tá falando bastante que tá num local violento, que a violência atrapalhou nesse sentido seu trabalho, mas, o que é a violência?

“Diretor A”: Então, violência é... aquilo... é um distúrbio da sociedade. A violência é um... uma curva numa reta. É... aquilo que desvirtua, é... de um propósito, de um caráter, de uma meta, de um objetivo, e conduz alguém, ou alguns, a uma... uma atitude deplorável, diferente, diferente do que é o original, do que é o normal. E a violência tira também pessoas de sua rota, né?! De sua meta, de seu propósito... é... seja a própria pessoa que comete violência ou a pessoa a qual tá sendo vítima da violência. Então a violência é... ela é ruim para dois lados, né, não só pra pessoa que é afetada, mas pra pessoa que comete também; ela sai do seu propósito, de sua rota quando ela comete violência. Então, a violência é um distúrbio da sociedade, eu entendo assim.

Na primeira resposta dada, é possível observar o farto uso de metáforas por parte do entrevistado para argumentar sua visão acerca das violências. Podemos considerar como uma metáfora expandida a sequência do trecho: “[a violência é] um distúrbio da sociedade, uma curva numa reta”. Ora, toda essa figura remete para um mesmo sentido, de desvio, visto que o distúrbio é uma alteração (geralmente patológica) de algo que se espera ser normal, tal como uma “curva numa reta” remete a uma “mudança de caminho”, algo que se desvia do esperado. Ou seja, a violência é um desvio do que se espera da sociedade, e não só dela, mas também dos indivíduos.

Podemos notar isso no trecho seguinte, combinando a figura de pensamento da conglobação com a figura de construção da gradação, que coloca termos em ordem crescente: “[violência é] aquilo que desvirtua... de um propósito, de um caráter, de uma meta, de um objetivo, e conduz alguém, ou alguns, a uma... uma atitude deplorável, diferente, diferente do que é o original, do que é o normal”. O sentido segue a lógica do desvio, mas agora aplicando-o não só para a sociedade como todo, mas aos indivíduos. Isso vai se acentuar na segunda resposta, na qual o diretor argumenta que percebe a violência como individual e coletiva.

Por conseguinte, as representações sociais são construídas por temáticas, que geram os argumentos que vão defender o núcleo figurativo. Tais temáticas, recorrentes nas representações de violências partilhadas por esses educadores, vão variar em argumentos, ora pendendo mais às explicações de ordens sociais, ora às de base psíquicas. Essas formas de argumentar, por sua vez, podem partir desde uma crença comum partilhada por esse grupo social (no caso, a religião cristã protestante), quanto por um filtro sociocognitivo próprio, como visto na segunda hipótese do paradigma das três fases de Doise (2002), oriundo das experiências particulares de cada membro do instituto.

Desse modo, o núcleo figurativo aqui apresentado vai passar pelas quatro temáticas presentes nas representações sociais de violências encontradas; são elas: 1) a violência como patologia; 2) a ausência de poderes; 3) a vulnerabilização; 4) a criminalidade.

Nos discursos analisados, uma das figuras que melhor condensam o significado implícito na primeira temática, de violência como patologia, está presente na metáfora usada pela “Educatora A” em sua entrevista para esta pesquisa, quando a integrante do projeto foi solicitada a resumir sua prática no Impacto em duas palavras ou imagens:

Trecho de entrevista com “Educatora A”. Local: Projeto Impacto – Complexo do Salgueiro. Data: 07/08/2021 às 10h.

Educatora A: Eu nunca pensei nisso. É... eu vou falar palavras, porque se elas já são difíceis, imagina imagens. Como imagem... eu... eu vou colocar um hospital, que já é uma palavra. Eu acredito muito que estamos aqui também, né, como uma cura para essas pessoas. Até porque a violência é uma doença. Isso não é normal. Eu acredito muito nisso.

Antes mesmo da metáfora principal que analisaremos, chama a atenção uma primeira metonímia, expressa pelo símbolo “hospital” atribuído ao Instituto Impacto. Tal figura serve de preparação para a importante metáfora utilizada na sequência do discurso: “a violência é uma doença”. Por quê? Porque “isso não é normal”. Nota-se, aqui, que a violência, como dito, não é enxergada como algo normal, mas como um desvio daquilo que era o esperado.

Na sequência, o trecho que melhor exemplifica a segunda temática, da ausência de poderes como possível causa desse desvio que é a violência, manifestada de forma patológica, está contida na figura “... uma criança abandonada”, parte da entrevista do “Educatador B”:

Trecho de entrevista com “Educatador B”. Local: Projeto Impacto – Complexo do Salgueiro. Data: 10/06/2021 às 12h30.

Lucas: E por último, duas palavras ou imagens que pra você representam o que é violência.

“Educatador B”: Ah... a maior violência que eu vejo aqui... e que é de partir o coração, é quando uma criança é abandonada. E aí eu falo, talvez... trazendo uma imagem de uma criança que é abandonada. Ela pode ser abandonada pelos pais... do ponto de vista de incentivo, de afeto, pela sociedade. Porque você vê, as pessoas falam... que... que o menino tem cara de bandidinho. Eu costumo dizer que pessoas de bem são muito perigosas e são capazes de fazerem coisas muito ruins... e ofenderem crianças de formas terríveis. Então as crianças podem ser abandonadas por quem elas amam, pelo governo, pelo... pelo sistema. Elas podem ser abandonadas de diversas formas. E o abandono da criança é a pior coisa que pode acontecer.

Há algumas figuras retóricas importantes para entendermos a estrutura do argumento desse educador. A primeira delas, referente ao que ele diz sentir ao ver uma criança abandonada, se expressa na hipérbole “é de partir o coração”. Na sequência, “Educatador B”

condensa sua imagem de violência na metonímia “uma criança que é abandonada”, em que esse “abandono” simboliza diversos tipos de omissões e ausências de poderes.

Na terceira temática, aparece a metáfora da “criança com medo”. Considerando também nosso núcleo figurativo das representações sociais de violências, apontando para uma noção de desvio, tal como as temáticas da patologia e do abandono já desenvolvidas, podemos afirmar que tal figura aqui trabalhada se torna “anormal” (ou “desviada”, para manter o termo) quando a criança perde seu caráter de inocência e fragilidade, por exemplo, ou o medo deixa de ser um simples estado e se torna patológico.

Trecho de entrevista com “Educador C”. Encontro virtual. Data: 27/07/2021 às 16h.
Lucas: E agora... pra encerrar de vez, duas palavras ou imagens que representam a violência pra você:

“Educador C”: Eu acho que a melhor imagem que eu posso pensar disso aí é um... a melhor não, a pior na verdade, é de que a violência é uma criança com medo.

L: Uma criança?

C: É... porque eu acredito que ela causa isso em algumas pessoas, o medo, mas por trás daquela arma tem alguém com medo também. Aí, quando vejo um pai batendo numa criança, é outro, uma pessoa com medo que tá batendo também. Entendeu? Quando eu vejo um cara com uma arma na mão, no Salgueiro, é uma criança com medo, com arma na mão. É complicado pensar nisso, é muito complexo pra mim, mas... eu só vejo isso.

L: Acho que foi uma imagem ótima! Ainda mais que você aplicou em várias situações.

C: Uma criança com medo não me bota medo! Aí eu não tenho medo de violência...

Frente às dificuldades de desenvolver práticas socioeducativas num espaço onde o domínio do crime organizado é bastante evidente, os integrantes do Impacto assumem as adversidades encontradas nos seus trabalhos. É o que observamos na quarta temática.

Trecho de entrevista com “Educadora D”. Local: Projeto Impacto – Complexo do Salgueiro. Data: 12/06/2021 às 12h.

Lucas: Você acredita que a sua prática pode interferir na violência observada no local?

“Educadora D”: Parece um... trabalho de formiguinha, aos pouquinhos. Mas eu acredito que sim, mesmo que a gente não consiga mudar a estrutura de uma hora para outra, né. Mas... eu vejo que, quando a violência é alimentada aqui, na questão do tráfico, é com crianças que são aliciadas. E se a gente se esforçar para quebrar isso lá no início, eu acredito que isso vai ter um impacto, de alguma forma vai. O nosso desejo é que tudo isso mude, mas tudo o que podemos fazer... a gente faz. Isso porque não adianta ter um desejo de ver tudo diferente, mas... mas não estar disposto a fazer isso, nem que seja por uma pessoa ou uma família.

No trecho, a educadora utiliza-se do símile “trabalho de formiguinha” para designar o tipo de ação que realiza na comunidade para combater as violências, reconhecendo que, ainda

que “não consiga mudar a estrutura” (com uso de uma metonímia ao usar o termo “estrutura”), seu papel no Salgueiro é eficiente. Na sequência, faz uso do termo “alimentar” em sentido metafórico e de “tráfico” como metonímia para caracterizar a relação entre a violência e a criminalidade: “a violência é alimentada aqui, na questão do tráfico”.

Esses resultados, ao evidenciar que os educadores interpretam as violências como desvios de uma normalidade social e individual, indicam também que, mesmo em contextos fortemente marcados pela criminalidade e vulnerabilidade, há práticas educativas que buscam resistir a essas dinâmicas. Essa constatação foi decisiva para a formulação da proposta de doutorado, ao deslocar o foco analítico da violência enquanto problema para as potencialidades educativas presentes nas favelas. Assim, as ações observadas no Complexo do Salgueiro passaram a ser entendidas como expressões de um fazer pedagógico próprio, que fundamenta a sistematização da *Pedagogia Social Favelada*, voltada a reconhecer e fortalecer práticas emancipatórias construídas nos territórios periféricos.

Nessa pesquisa, ainda em desenvolvimento, se tem como o objetivo geral, com previsão de conclusão para o início de 2028, é construir um modelo sociopedagógico denominado “Pedagogia Social Favelada”, a partir das dinâmicas sociais e educativas influenciadas pelas representações sociais de favela formuladas por educadores que atuam em espaços educativos não escolares nas favelas de São Gonçalo-RJ. Em paralelo a isso, são objetivos específicos desta tese: (1) averiguar, à luz da TRS, a maneira que essas representações de favela organizam crenças, atitudes e marcações sociais presentes na ancoragem social desses educadores; (2) articular os conteúdos oriundos dessas representações encontradas nas práticas não escolares observadas com o campo da Pedagogia Social crítica; (3) analisar desde as práticas sociopedagógicas os movimentos emancipatórios presentes nas atitudes dos educadores; (4) sistematizar, de forma teórico-prática, elementos que sustentem a formulação da proposta de um novo modelo denominado “Pedagogia Social Favelada”, com base nas experiências concretas de educadores atuantes em favelas nesse município.

Esse modelo de Pedagogia Social busca disseminar um potencial epistemológico e prático capaz de contribuir não apenas com investigações psicossociais voltadas à educação e às favelas, mas também para propor intervenções efetivas e viáveis a partir do diálogo entre esses elementos, reconhecendo a favela como território produtor de conhecimentos, culturas e práticas e educativas legítimas. Ao articular os referenciais da Psicologia Social e da

Pedagogia Social com os contextos concretos das favelas brasileiras, especialmente a partir da realidade de São Gonçalo-RJ, a pesquisa vem avançando no sentido de construir caminhos epistemológicos e metodológicos comprometidos com a escuta, o reconhecimento e a valorização de sujeitos historicamente marginalizados.

Com esse entendimento, propõe-se uma Pedagogia Social Favelada comprometida com valores críticos e inclusivos, orientada pela coletividade, pela afetividade, pelo fortalecimento de vínculos e pela construção de alternativas emancipatórias frente às desigualdades sociais. Trata-se de uma proposta que busca superar visões estigmatizantes e intervencionistas, promovendo ações educativas que emergem dos próprios territórios e que dialogam com suas potências, resistências e projetos de vida.

Considerações finais e inspirações para uma nova investigação

Como pudemos perceber a partir dos resultados da pesquisa de Lopes (2023), muito se tinha de “estranheza” por parte dos educadores do Impacto ao ter experiências no Complexo do Salgueiro, sobretudo, pela intensa presença de uma criminalidade armada (entendida muitas vezes como correlata à violência em si). Diante disso, que explicação foi criada por esse grupo? A partir de suas relações sociais e cognitivas estabelecidas, tal como das suas crenças comuns anteriores, o grupo social passou a entender essa violência contida no local como uma forma de desvio. Esse desvio, por sua vez, pode ser entendido tanto a partir de critérios sociais e culturais, quanto por valores religiosos.

Podemos inferir então, a partir dos resultados alcançados na já referida investigação, que a violência direta, como era previsível, foi a mais notada no trabalho. De forma um pouco mais surpreendente, pudemos concluir, também, que a violência estrutural é percebida (e representada como tal) pelo grupo de entrevistados. Por outro lado, violências dos tipos culturais e da positividade apareceram menos nesse material de pesquisa, não tendo tido recorrência suficiente para serem consideradas representações sociais dentro daquele grupo.

Para além disso, a partir do acompanhamento das práticas do Complexo do Salgueiro que, à sua forma, buscavam combater por meio de práticas sociais e educativas alguns desses contextos violentos, nos inspiramos a prosseguir pesquisando, agora no Doutorado, a educação nas favelas a partir de outra ótica. Entendendo esses espaços como potencializadores de práticas emancipadoras, comprometidas com uma educação crítica às estruturas de poder

vigentes, podemos perceber a potencialidade de sistematizar as ações em periferias e favelas de São Gonçalo como uma maneira própria de fazer Pedagogia Social.

O impacto esperado extrapola o meio acadêmico, contribuindo para políticas públicas e formações de educadores que atuam em espaços não escolares e contextos de vulnerabilidade. No plano social, pretende fortalecer redes comunitárias, ampliar a legitimidade das iniciativas educativas locais e oferecer metodologias de ação emancipatória baseadas nas dinâmicas próprias das favelas.

Conclui-se que este trabalho vindouro possui potencial para contribuir não apenas com investigações psicossociais voltadas à educação e às favelas, mas também para propor intervenções efetivas e viáveis a partir do diálogo entre esses elementos, reconhecendo a favela como território produtor de saberes, práticas e experiências educativas legítimas. Ao articular os referenciais da Psicologia Social e da Pedagogia Social com os contextos concretos das favelas brasileiras, especialmente a partir da realidade de São Gonçalo-RJ, a pesquisa avança no sentido de construir caminhos epistemológicos e metodológicos comprometidos com a escuta, o reconhecimento e a valorização dos sujeitos historicamente marginalizados. A Pedagogia Social Favelada trata-se assim de uma proposta que busca superar visões estigmatizantes e intervencionistas, promovendo ações educativas que emergem dos próprios territórios e que dialogam com suas potências, resistências e projetos de vida.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 4, n. 3, set./dez., p. 713-737, 2009.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Folha de SP, 2015.
- CALIMAN, Geraldo. Pedagogia Social no Brasil: evolução e perspectivas. **Orientamenti Pedagogici**, v. 58, p. 485-503, 2011.
- CAMPOS, Andreino. **Do quilombo à favela: a produção do “Espaço Criminalizado”** no Rio de Janeiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2012.
- DOISE, Willem. Atitudes e representações sociais. In: **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 187-204.
- DOISE, Willem. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. In: **Psicologia: Teoria e pesquisa**. Brasília, v. 18, n.1, jan./abr., p. 27-35, 2002.
- FERREIRA, Arthur Vianna. **Representações Sociais e Identidade Profissional: práticas educativas com camadas empobrecidas**. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2012.
- GALTUNG, Johan. La violencia: cultural, estructural y directa. **Cuadernos de estratégia**. Espanha, n. 183, p. 147-168, 2016.

GONÇALVES, Mariana Alves. **Psicologia favelada**: ensaios sobre a construção de uma perspectiva popular em psicologia. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**: Cinco Lições. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

LOPES, Lucas Salgueiro. **A violência é uma criança com medo**: educação social, marginalidade e representações sociais de violências no Complexo do Salgueiro. Dissertação (Mestrado em Educação – Processos formativos e desigualdades sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2023.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Metáfora: figura argumentativa central na coordenação discursiva das representações sociais. In: CAMPOS, Pedro Humberto Farias. LOUREIRO, Marcos Correa da Silva (org.). **Representações Sociais e Práticas Educativas**. Goiânia: Ed. UCG, p. 89-102, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais - Investigações em Psicologia Social**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz; SIMÃO, Mário Pires. **A favela reinventa a cidade**. Rio de Janeiro: Mórula – EdUniperiferias, 2020.

XVI
FRPED